

Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

DEFENDER O PARTIDO DA REPRESSÃO dever sagrado de todos os militantes

Na realidade viva que é a luta de classes, que se processa com crescente agudeza em Portugal, encontraremos sem dúvida alguma a primeira causa da repressão e das prisões de comunistas, militantes operários sem-partido e de outros trabalhadores. Tal repressão é exercida pela classe que detem o poder, isto é, a burguesia, contra o proletariado e o seu partido político, o Partido Comunista Português.

Nas condições duma ditadura fascista, em que todas as liberdades foram suprimidas, como é o caso de Portugal, a repressão política assume aspectos mais vastos e brutais atingindo todos aqueles, proletários ou não, que se manifestam pelos direitos fundamentais da pessoa humana, por melhores condições de vida e de trabalho, pela democracia, a liberdade, a paz, o socialismo.

Esta constatação, porém, não anula a existência de outras causas e factores que possam ter contribuído, ou tenham contribuído mesmo, já não para explicar a repressão, como é óbvio, mas as causas directas das prisões efectuadas. Muito longe disso. Essas causas e factores devem ser sempre analisados e desvendados com verdadeiro espírito de responsabilidade com vista a tirarem-se delas novas experiências para melhor armar os militantes revolucionários para o prosseguimento da luta contra o inimigo de classe.

Em relação às prisões resultantes da ofensiva repressiva ultimamente desencadeada pelo governo fascista, a Direcção do Partido ainda não dispõe de todos os factos e dados necessários para fazer o apuramento e tirar as conclusões que se impõem. Esse apuramento será feito e será conhecido.

Por agora, queremos referir apenas alguns aspectos e problemas que, quando deixam de estar presentes ou são subestimados na actividade revolucionária dos comunistas se transformam em causas mais ou menos directas da

sua própria prisão e, o mais grave ainda, da prisão de outros.

Um desses aspectos diz respeito ao carácter do regime que enfrentamos. Em teoria todos compreendem ser fascista e que, por isso, mesmo emprega métodos terroristas de governo em defesa dos privilégios e interesses da burguesia. Na prática, porém, nem sempre se tem presente esta dura realidade, resultando disso graves deficiências quanto à aplicação da linha política do Partido, o emprego de formas de organização adequadas e o cometimento de erros em matéria de defesa que não poucas vezes se pagam caro.

O desrespeito frequente pelo secretismo que deve obrigatoriamente rodear toda a actividade revolucionária dos comunistas é um problema candente no Partido que necessita de ser resolvido pela sua eliminação pronta. Com o tempo, num período, mais ou menos curto, pode resultar dele uma causa, e não das menos importantes, de prisões de militantes, e de o inimigo tomar conhecimento de aspectos do trabalho partidário e da existência de membros do Partido aqui e além, servindo-se disso para mais tarde vibrar novos golpes no Partido.

Como prescreve a lei interna do Partido, isto é, os seus Estatutos, todo o membro do Partido tem o dever de:

«Defender com todo o zelo os segredos do Partido, estar vigilante na luta contra as provocações, o liberalismo e a inconfidência».

Cumprir escrupulosamente este preceito é defender na prática o Partido de golpes do inimigo.

Cada militante do Partido necessita conhecer apenas o estritamente necessário para realização das tarefas que lhe foram atribuídas ou lhe sejam atribuídas.

Todo e qualquer espírito de curiosidade em relação à actividade interna do Partido, a este ou aquele militante, etc., deverá ser combatido



inflexivelmente de maneira política no preciso momento em que ele se manifeste.

O não cumprimento rigoroso das normas do trabalho conspirativo prescritas pelo Partido, assim como o não cumprimento de indicações e resoluções dos organismos superiores do Partido e dos próprios organismos a que militantes pertencem, acarretam sempre, mais cedo ou mais tarde, prejuízos ao Partido e não poucas vezes a prisão de militantes, não apenas dos que cometem actos de indisciplina partidária mas às vezes também de outros que com eles contactam.

Como se pode compreender facilmente, a indisciplina em matéria de trabalho conspirativo é quase sempre uma causa de primeira grandeza de prisões, de golpes profundos contra o Partido da classe operária. Algumas vezes ela não aparece claramente e isto porque não se pode adivinhar. Com efeito, os camaradas que desrespeitam as normas do trabalho conspirativo ou cometem faltas nesse terreno nem sempre compreendem que só se progride e defende o Partido se se desvendam corajosamente as faltas e os erros próprios ou alheios.

Como prescrevem os Estatutos do Partido, é dever de todo o militante:

«Ser cumpridor escrupuloso da disciplina do Partido;

Exercer e estimular a prática da crítica e da autocritica».

A crítica e a autocritica são uma arma poderosa de progresso de todo o trabalho revolucionário do militante e do Partido sempre que exercida de maneira correcta, tornando-se portanto indispensável que reine permanentemente no Partido — em todos os organismos do Partido.

É por vezes causa fundamental de prisões e de duros e profundos golpes nas organizações do Partido a falta de honradez e de firmeza revolucionária, a cobardia e a traição ante a polícia, de elementos que estavam mal nas fileiras do Partido da classe operária.

Ao contrário, cerrar os dentes ante a polícia, não falar, é mostrar-se digno do seu nome de comunista, é defender o seu Partido, as organizações que por vezes levaram anos a construir, é defender o trabalho revolucionário que o Partido e outras organizações continuam a realizar, orientado para o objectivo do derrubamento da ditadura fascista, para a conquista da democracia e do socialismo.

«Frente ao inimigo — dizem os Estatutos do Partido — em caso de prisão ou em qualquer outra circunstância, não fazer denúncias nem confirmações ou quaisquer declarações que prejudiquem o Partido e a causa antifascista».

Este é um dos deveres mais importantes que todos os militantes devem estar preparados para cumprir com honra, em todas e quaisquer circunstâncias.

O MOVIMENTO ESTUDANTIL ENFRENTA A REPRESSÃO (Experiências de um ano de lutas)

Ao longo do último ano lectivo confirmou-se uma vez mais a vitalidade e o dinamismo do movimento estudantil e, ao mesmo tempo, a justeza das direcções centrais apontadas pelo PCP no desenvolvimento da luta dos estudantes, tanto no terreno do M.A. como no plano político.

Unidos em torno das suas Associações, firmemente decididos a defender e ampliar as conquistas democráticas do seu movimento, repudiando e desmascarando pela acção a demagógica «reforma do ensino» fascista e intensificando a luta pelas suas reivindicações pedagógicas imediatas e por uma verdadeira Reforma Democrática do Ensino, reclamando e afirmando frequentemente na prática o seu direito de discussão e intervenção em relação aos problemas nacionais, os estudantes portugueses

afirmaram-se uma vez mais como uma importante força democrática capaz de constituir, na luta pelo derrubamento do fascismo, um valioso aliado do proletariado.

A repressão e a luta

O governo prosseguiu e refinou a sua política demagógica em relação aos problemas do ensino e da Universidade, procurou semear a expectativa, distrair a atenção dos estudantes das suas reivindicações imediatas, enfraquecer a unidade estudantil, meter uma cunha entre os estudantes e as suas AA. EE. e entre a luta estudantil e a luta popular, justificar o brutal agravamento da repressão contra o movimento estudantil.

O desenvolvimento da luta provoca (contra as «teses» oportunistas do verbalismo de «esquerda» defendidas pelos radicais pequeno-burgueses de fachada socialista) que não houve alterações essenciais na política do fascismo, que este manteve o seu carácter de ditadura terrorista dos monopólios associados ao imperialismo e dos latifundiários, que a «reforma do ensino» fascista visa acima de tudo travar e iludir a luta popular e estudantil por radicais transformações democráticas do sistema do ensino. A liquidação das AA. EE. enquanto organizações de massas de conteúdo e finalidades democráticas, enquanto baluartes da resistência estudantil à fascização da Universidade, continua a ser o objectivo central prosseguido pelo fascismo em relação ao movimento estudantil.

No contexto de uma acção concertada à escala nacional contra o movimento popular e democrático, e aproveitando debilidades existentes no movimento dos estudantes o fascismo lança-se na mais vasta e brutal ofensiva repressiva dos últimos 6 anos contra o M.A. e contra a vanguarda antifascista, visando os militantes do P.C.P. em primeiro lugar. O «estado de excepção» colocando as Universidades sob controlo policial, as sistemáticas cargas da polícia em recintos escolares em Lisboa, Porto e Coimbra, a ocupação da Universidade de Coimbra pela polícia e a escandalosa perseguição movida aos estudantes mais destacados, as prisões em massa principalmente em Coimbra e Lisboa, as dezenas de processos disciplinares e criminais, ilustram bem, na continuidade dos espingardeamentos de 9 de Maio de 1970, o carácter terrorista do regime, o seu isolamento e exasperação, a falência da demagogia como instrumento de captação e paralisação, a criminosidade, mas vã determinação fascista em sufocar pela violência a corajosa luta estudantil.

A resposta dos estudantes traduziu-se em importantes acções de massas que arrastaram na luta praticamente todos os estudantes do ensino médio e superior das 3 Academias. Através de amplas reuniões, concentrações, manifestações de rua e greves os estudantes condenaram firmemente a política reacção e terrorista do governo caetanista e exigiram o fim da repressão contra o M.A. e o movimento estudantil em geral.

A demagogia fascista da «Reforma» foi desmascarada, pela acção das massas, a repressão foi forçada a recuar em numerosos casos, o direito de reunião apesar de negado e reprimido foi imposto na prática e constitui uma conquista cujas tentativas de arrebatamento provocarão uma reacção cada vez mais firme por parte dos estudantes, as manifestações de rua (em que são de destacar a de Janeiro junto do MEN em Lisboa e a marcha

de protesto de 27 de Abril dos estudantes do Porto pela sua extraordinária repercussão junto da população) constituem uma arma a que os estudantes recorrem com frequência crescente, importante factor na procura do indispensável apoio popular à sua luta.

A situação é no entanto instável e perigosa. A A.A.C., a ADAHL, a AEFCL e a C.I. de Medicina do Porto foram encerradas, estão ainda presos vários estudantes de Coimbra e Lisboa, correm dezenas de processos em Direito (Lisboa), o «estado de excepção» continua a servir de escudo a todas as prepotências contra o movimento estudantil. Por outro lado as tendências anarquizantes conduziram, as estruturas associativas nalgumas importantes escolas a sérias debilidades e perigosas simplificações que impedem o natural alargamento da vanguarda associativa, a teoria e prática verbalistas conduziram ao enfraquecimento da unidade estudantil, da confiança das massas no M.A. e na sua capacidade para encabeçar a luta pela satisfação das suas reivindicações e aspirações mais sentidas.

Debilidades. A responsabilidade dos verbalistas de «esquerda»

A repressão foi extremamente facilitada pelo divisionismo anticomunista dos verbalistas de «esquerda» que desde tempos atrás vinham semeando ilusões acerca da verdadeira natureza do fascismo e que com a sua actuação verbalizante, sectária, antidemocrática e desorganizadora vinham restringindo a base de massas do M.A., delapidando a força organizadora das AA.EE., tentando substituir a acção das massas pela actuação de pequenos grupos radicalizados separados dos estudantes, pretendendo rebaixar as AA.EE. a instrumentos do seu jogo de seitas.

Os estudantes mostraram estar firmemente unidos e decididos a defender as suas AA.EE. e demais conquistas democráticas de todas as arremetidas fascistas visando suprimi-las, deram provas de grande espírito de luta, elevada combatividade, enfrentando corajosamente a polícia em numerosos choques directos e, perante o oportunismo e incapacidade de alguns dirigentes verbalistas (que em lugar de organizarem e encabeçarem a luta contra a repressão se entretinham a «explicá-la») foi da base que partiu a iniciativa da luta contra a repressão segundo uma correcta linha de massas. Este facto contribuiu decisivamente, como não podia deixar de ser, para um significativo recuo das teses verbalistas, mas a resposta à repressão foi fortemente limitada pois a combatividade das massas não podia suprir as debilidades organizativas e de direcção do movimento, sobretudo importantes em Lisboa.



A ausência de acções conjuntas a nível nacional contra a repressão constitui outra grande limitação da luta estudantil este ano, cuja principal responsabilidade pesa também sobre os verbalistas. Com os argumentos mais desparatados e as artimanhas mais diversas, estes sabotaram todas as iniciativas visando acções conjuntas, ainda que limitadas, contra a repressão. Sob a palavra de ordem de «primeiro a discussão, depois a acção» alguns dirigentes procuravam impor a todo o M.A. as suas concepções oportunistas e, arvorando o pendão do «acordo prévio nas questões de fundo», impediram sempre a unidade na acção.

Aliás em todos os momentos decisivos da luta os verbalistas agiram por forma a sabotar a acção de massas, a desviar o eixo da luta contra a repressão, a empurrar o movimento para becos sem saída. Disto são exemplos a sua posição em relação ao Encontro Nacional de dirigentes por altura da Tomada da Bastilha, o seu comportamento divisionista e provocatório em Coimbra na véspera da greve de Janeiro e também no Porto na «luta da Queima» em Abril, as palavras de ordem de desmobilização em fins de Janeiro em Lisboa, etc..

No terreno político a luta estudantil desenvolveu-se em três direcções fundamentais: luta contra a guerra colonial, luta contra a repressão e pela Amnistia, luta contra a censura e pela liberdade de expressão, sendo de destacar o Comício de 11 de Fevereiro em Coimbra, as concentrações junto do Plenário em Lisboa, as comemorações de 4 e de 19 de Fevereiro e trabalho de informação e as diversas acções desenvolvidas pela libertação dos presos políticos.

Entretanto a luta no terreno político esteve uma vez mais muito aquém das possibilidades. Os esforços desenvolvidos com vistas ao lançamento de verdadeiras movimentações políticas de massas, não chocaram apenas com a repressão fascista (caso de Coimbra em primeiro lugar) chocaram também com a pretensão verbalista para conduzir a acção política só ou principalmente através do M.A., com a tendência para «discussões sobre estratégia», intermináveis, paralizadoras e clandestinizantes, e com incompreensões dos democratas e mesmo dos militantes do Partido em relação à importância e possibilidade de desencadear-las, em torno de objectivos concretos e precisos que ganhassem rapidamente o apoio das massas.

É presentemente visível o relativo isolamento orgânico do movimento estudantil dos restantes destacamentos do movimento democrático e a sua débil contribuição para o fortalecimento deste. Este facto não só constitui uma forte limitação ao desenvolvimento do apoio e solidariedade do movimento democrático e do povo à luta estudantil, como tende a roubar ao movimento estudantil a perspecti-

va revolucionária e a fechá-la sobre si próprio. É por isso necessário que os comunistas redobrem de esforços para unificar e fortalecer a frente democrática e antifascista.

Os comunistas defendem a unidade

Ao longo do último ano lectivo, os estudantes comunistas colocaram no centro das suas preocupações a unidade dos estudantes e da vanguarda estudantil contra o fascismo.

Aos esforços despendidos nesta direcção pelos estudantes comunistas, apoiados pela maioria dos seus colegas, opôs-se, particularmente em Lisboa, a actuação sem escrúpulos das várias estirpes do radicalismo pequeno-burguês, nas suas tentativas vãs de conseguir a hegemonia e até a exclusividade. Cada estirpe do radicalismo pequeno-burguês tenta colocar as A.A.E.E. ao serviço da sua seita e, no conjunto, os radicais pequeno-burgueses tentam fazer das A.A.E.E. um joguete de seitas. O critério da sua «linha política» despreza a condução com sucesso das lutas e processos estudantis, o desenvolvimento do M.A. e da sua organização, o necessário estreitamento dos laços entre o M.E. e o movimento popular e negligência, de facto, a própria existência do fascismo.

Ao baterem-se pela unidade de acção dos estudantes e da vanguarda estudantil, os estudantes comunistas guiam-se pela concepção de que só unido o M.E. pode fazer frente com sucesso ao seu poderoso inimigo principal — o fascismo — e exprimir em toda a amplitude a grande energia combativa dos estudantes no quadro do movimento antifascista.

Batendo-se pela unidade de acção, os estudantes comunistas não renunciam à luta ideológica, propõem-se mesmo intensificá-la, definindo melhor perante as massas as suas posições e concepções e mobilizando todos os seus recursos para derrotar e isolar estas actuações que tendem a minar e enfraquecer o movimento dos estudantes, como as que procuram transformá-lo numa cotada desta ou daquela seita radical pequeno-burguesa, ou grupusculizá-lo numa constelação de pequenas seitas verbalistas, ou colocá-lo de facto a reboque do fascismo, o que aconteceria se vingassem os esforços que a SEDES desenvolve em algumas escolas.

Combatendo no terreno ideológico todas as correntes nocivas que se manifestam no seio do M.E., os estudantes comunistas procurarão firmemente a unidade de acção com todos os estudantes progressistas, com todos os estudantes antifascistas, a todos os níveis da luta e consideram como exigência do movimento no actual estágio do seu desenvolvimento o estabelecimento de plataformas de acção comuns, que conduzam ao reforço do M.E., à

maior ligação entre a vanguarda e as massas, à reorganização do M.A., à acção maciça em torno de objectivos concretos como a luta contra a repressão, a luta pelo direito de reunião e associação, a luta contra a guerra colonial.

A justeza da orientação do Partido foi confirmada pela vida

As Organizações Estudantis do PCP tiveram um papel destacado na luta, muitas vezes determinante. Os estudantes comunistas bateram-se constantemente pela unidade pelo reforço da organização estudantil, pelo desenvolvimento da acção de massas. Alertaram constantemente os estudantes para as manobras demagógicas do governo e para a escalada repressiva e nos momentos decisivos e nos embates mais duros com o inimigo os comunistas estiveram firmemente na dianteira, enquanto os verbalistas desertaram da luta, atemorizados, «cançados» e desorientados ou ultrapassados pelas massas.

A evolução da situação política portuguesa confirmou a análise e as perspectivas abertas pelo C.C. do nosso Partido à luta popular e antifascista. Ao contrário as «teses» verbalistas de todos os radicais pequeno-burgueses de fachada socialista foram derrotadas pela vida. É sintomático que, por exemplo, o anticomunista «O comunista» (passe a ironia), um dos expoentes do verbalismo, venha agora afirmar «que as Associações não podem de maneira nenhuma transformarem-se em movimentos políticos» e que «sente-se a falta de um movimento político estudantil de massas», apresentando como descobertas suas aquilo que desde sempre foi defendido pelo Partido.

Os estudantes comunistas partem para a luta com a certeza da justeza da sua linha política, que está na base dos êxitos alcançados e sem o que jamais o PCP seria na Universidade a força política com mais influência e projecção entre as massas. Deste facto há que retirar todas as consequências, incluindo mais audácia, mais firmeza, mais combatividade em defesa da orientação do Partido e também no combate a todas as falsificações do marxismo-leninismo e a todas as formas de calúnia e provocação anticomunista. As hesitações e sobretudo o defensismo que alguns camaradas ainda revelam neste terreno constituem uma debilidade que deve ser rapidamente vencida.

Alargar a Organização! Reforçar a ligação do Partido com as massas!

Um aspecto importante do trabalho produzido no sector foi a intensificação da agitação, a publicação de documentos abordando problemas da luta estudantil, de manifestos e tar-

jetas de intervenção de variado tipo. O resultado foi positivo e em muitos aspectos há que ampliá-lo e melhorá-lo. Entretanto há que prevenir a tendência para sobrevalorizar a agitação, para sobrepôr à acção constante e persistente junto das massas, para a ver desligada do trabalho de consolidação e alargamento da organização partidária.

O alargamento da organização, seguro mas audacioso, continua a ser uma tarefa de capital importância. Ao abordar este problema é forçoso entrar em linha de conta com o aumento dos efectivos escolares dos últimos anos, com a crescente radicalização da luta estudantil, e sobretudo com o facto capital de que nas lutas travadas se revelaram numerosos activistas de vanguarda, dedicados, corajosos e estreitamente ligados com as massas. É sobretudo para estes que devemos voltar a nossa atenção, fazendo-lhes chegar a orientação, recrutando-os audaciosamente, na certeza de que com a ajuda do Partido rapidamente se forjarão como quadros comunistas. Simultaneamente há que prestar mais atenção aos actuais simpatizantes, eriar com eles organismos que canalizem a orientação e apurem as suas qualidades revolucionárias, recrutar os mais provados. A «Promoção do 50º» decidida pelo CC como uma das tarefas centrais de todo o Partido no ano das comemorações do 50º do PCP, deve continuar no centro das preocupações de toda a Organização Estudantil.

A força orgânica do Partido não está ainda à altura da situação objectiva, nem tão pouco do real prestígio e influência do Partido junto dos estudantes. O alargamento da organização tão necessário como possível se a este problema for dada a devida atenção, tem de ser acompanhado da estruturação, da melhoria da vida colectiva dos organismos, do reforço do trabalho conspirativo e da defesa do Partido.

Uma vez mais a repressão se assanhou contra o Partido. Mas as tentativas do fascismo para atingir a fundo o Partido no sector estudantil fracassaram. Este é um êxito importante da actividade revolucionária do Partido. Mas é necessário reconhecer que existem perigos, que a acção repressiva do inimigo foi facilitada não só por erros de carácter conspirativo, por uma insuficiente ligação com as massas, mas também, pela actividade provocatória dos verbalistas anticomunistas. Todas estas questões devem ser estudadas no concreto encontrada para cada uma delas a solução mais adequada.

Os estudantes comunistas devem debruçar-se atentamente sobre as últimas experiências da luta. Devem proceder a um exame atento da real situação ao nível das massas, dos seus problemas mais sentidos, das suas disposições de luta, das relações entre o M.A. e os estudantes, das formas de organização e métodos de actuação mais eficazes. Devem confrontar

com a experiência a orientação traçada pelo Partido e analisar em pormenor o papel das Organizações Estudantis na luta. O facto de que a orientação geral do Partido tenha sido confirmada pela prática não significa a inexistência de erros a corrigir e dificuldades a

vencer. Ilá-ós certamente e importantes. É preciso encará-los com franqueza, coragem e espírito revolucionário. É com as massas que todo o Partido tem que pulsar. É no apoio das massas que assentam a força política, a defesa e a vitalidade do Partido.

PERGUNTAS e RESPOSTAS

P. — Ideólogos burgueses e pequeno-burgueses falam actualmente muito em Trotski. Pretendem rodear Trotski com uma auréola de «génio incompreendido da revolução». Teses suas são aproveitadas para denegrir o leninismo, caluniar o socialismo e os países socialistas. Quem foi Trotski? Quais as teses fundamentais do Trotskismo?

R. — Trotski tentou ainda em vida de Lénine, mas sobretudo depois, apresentar-se como o mais fiel leninista e o continuador de Lénine. Na sua autobiografia («Minha Vida») e noutros textos chegou mesmo a recorrer a falsificações para «demonstrá-lo». A realidade é que o trotskismo foi sempre e continua a ser uma corrente bem diferenciada do marxismo-leninismo, eivada dos mais diversos oportunismos tanto de direita como de esquerda.

Trotski aparece pela primeira vez ao lado de Lénine, por um curto espaço de tempo, em 1902, como redactor da «Iskra». Mas logo no II Congresso do Partido Operário Social Democrata da Rússia (1903), em que a social democracia russa se diferencia em duas correntes, bolchevique e menchevique, ele pertence à última.

Por largos anos manter-se-á afastado de Lénine e dos bolcheviques e durante esse

período são profundas as suas divergências. Concretamente, após a Revolução de 1905, em que Trotski tem um papel importante (é presidente do Soviete de Petrogrado), discorda da análise e da orientação propostas por Lénine para a Revolução. E em 1912, após a histórica Conferência de Praga que resolveu afastar definitivamente do partido os mencheviques e restantes grupos oportunistas, Trotski procura organizar um partido para se opor aos bolcheviques.

Trotski só se voltará a ligar aos bolcheviques nas vésperas da Revolução de Outubro no VII Congresso do P.O.S.D.R. (Agosto de 1917), onde foi aceite a adesão de um pequeno grupo dissidente dos mencheviques internacionalistas, a que Trotski pertencia desde o seu regresso dos Estados Unidos em Maio de 1917. E então eleito membro do Comité Central.

Mais tarde, em fins de 1924, numa colectânea de escritos sobre 1917 e no opúsculo que lhes serve de introdução intitulado «As lições de Outubro» redigido após a morte de Lénine, Trotski tentará falsificar a história do Partido bolchevique, apresentando-se como o grande dirigente da Revolução de Outubro, sobrepondo-se mesmo a Lénine e ao Partido. A vaidade desmedida, e a auto-suficiência são aliás traços bem conhecidos do seu carácter.

Depois da Revolução de Outubro, Trotski fez parte do governo soviético como Comissário do Povo para os Negócios Estrangei-

ros. É nesta qualidade que, indo contra toda a orientação recebida do CC e mesmo de Lénine pessoalmente, se recusa a assinar o tratado de Paz de Brest-Litovsk com os alemães e seus aliados, pondo assim em perigo a existência da jovem República Soviética.

Uma das qualidades de Trotski, a que Lénine se refere várias vezes, é a sua capacidade organizadora, que lhe permitiu dar uma contribuição para a formação do Exército Vermelho nos duros anos da guerra civil. Mas este seu traço torna-se por vezes negativo, como em 1920-1921, quando se opõe a Lénine quanto à questão dos sindicatos (pretende tirar-lhes o carácter democrático e militarizá-los) e, em 1923, quando se opõe ao Partido na questão da organização da indústria (pretende subordinar toda a economia à edificação da indústria pesada).

É nesta altura, no outono de 1923, quando Lénine se encontrava já gravemente doente, que Trotski começa a desenvolver abertamente a sua actividade fraccional e a sua luta contra o Partido. Com o único fim de servir os seus interesses pessoais, serve-se então dos métodos mais indignos, chegando, em 1926, a criar o «bloco oposicionista», que organiza reuniões clandestinas, tenta reunir com operários só o não conseguindo pela falta de interessados, tenta assegurar-se do apoio da Internacional Comunista e chega a financiar elementos fraccionais e expulsos de outros partidos comunistas. A 7 de Novembro de 1927 (quando das celebrações do Xº aniversário da Revolução de Outubro) tenta organizar uma contra-manifestação que falha completamente e são as próprias massas que reagem violentamente contra os desagregadores.

Devido a esta actividade fraccional e anti-partido é excluído do Partido Comunista e mais tarde, em 1929, expulso da URSS. Mas no estrangeiro a sua actividade anti-partido e antisoviética prossegue e, depois de ter fracassado a sua tentativa de formar grupos clandestinos para derrubar o governo soviético, organiza núcleos trotskistas na Alema-

nha, na França e Estados Unidos mais virados na luta contra os partidos comunistas desses países que contra o imperialismo.

Trotski transforma-se assim num agente do anti-sovietismo, do anti-comunismo, num inimigo do marxismo-leninismo e objectivamente num aliado do imperialismo.

Uma das teses de Trotski, que Lénine teve ocasião de criticar fortemente, é a da «Revolução permanente». Falsificando este conceito de Marx, Trotski afirma ser possível, ao longo do processo histórico, «saltar etapas» e, por exemplo, no caso da Rússia, afirmava que era viável chegar à revolução socialista sem passar pela revolução democrática, o que foi totalmente desmentido pela prática.

Em Marx e depois em Lénine aparece também é certo o conceito da «revolução permanente», mas totalmente diferente do de Trotski. Com ele os grandes teóricos do socialismo científico pretendem dizer que o proletariado como classe verdadeiramente revolucionária é a única que levará a revolução até ao fim, até ao Comunismo.

Esta tese de que é possível «saltar etapas», apesar de derrotada pelos factos, tem sido com mais ou menos variantes retomada por certos pseudo-revolucionários em diversos países capitalistas e também entre nós. Calúnias como as de que o PCP ao apresentar como etapa actual da Revolução Socialista a revolução democrática e nacional está a defender uma revolução burguesa e a «trair» a Revolução Socialista, já foram lançadas contra o Partido.

A absurda teoria de Trotski da «revolução permanente» leva-o e aos seus herdeiros não só a negarem a necessidade de etapas da revolução, mas também a subestimarem a ligação dialéctica existente entre a luta quotidiana da classe operária por objectivos económicos e políticos limitados e a luta pelo socialismo.

E leva-o também a um outro ponto de discordia com Lénine: o do papel dos campones-

ses no movimento revolucionário. Ele subestima a necessidade da aliança da classe operária com o campesinato assim como nega toda a política de alianças (ainda que contingente e limitada) com qualquer camada da burguesia.

A ideologia de Trotski nunca exerceu qualquer influência importante na classe operária. Só encontrou algum eco entre a pequena burguesia não tanto como corrente independente mas como um amálgama, como um aglomerado de teses ideológicas revisionistas que os mais variados grupos divisionistas e aventureiristas ditos «de esquerda» e de «ultra-esquerda» retomam total ou parcialmente. Não é portanto casual que o imperialismo tente presentemente mais do que nunca desenterrar o trotskismo e utilizar em seu benefício os grupelhos trotskistas e trotskizantes.

Hoje que a situação internacional se modificou completamente porque a correlação mundial de forças já não é favorável ao imperialismo, mercê sobretudo da existência e do reforço crescente do sistema socialista mundial, assim como do desenvolvimento impetuoso do movimento nacional libertador e da luta da classe operária nos países capitalistas, o imperialismo tem necessidade de recorrer a formas mais subtis e audazes do que a intervenção di-

recta para combater o socialismo. O mesmo sucede nos próprios países capitalistas, em que as ideias do marxismo-leninismo, exercem cada vez mais influência e de tal forma que o imperialismo que não tem nada a oferecer a não ser uma ideologia opressora e de exploração, propagandeia agora as mais diversas teorias pseudo-revolucionárias pondo em todas o rótulo «marxista».

O trotskismo é uma delas.

«O SISTEMA DE ALIANÇAS

No plano social, a cada etapa da revolução corresponde um sistema de alianças do proletariado com outras classes e camadas da população. O sistema mantém-se no fundamental inalterável numa dada etapa da revolução. O desenvolvimento do capitalismo, provocando diferenciações no seio da burguesia e alterações qualitativas nas camadas médias, pode obrigar a ajustamentos. Estes não significam, porém, uma revisão do sistema de alianças ao sabor dos incidentes políticos quotidianos, como parece pensarem alguns teorizadores.

No plano político (entenda-se, esta por expressão, os acordos, entendimentos e formas de cooperação entre os vários partidos, grupos e sectores políticos e entre indivíduos que a eles pertencem), as alianças do Partido do proletariado oferecem mais irregularidades, variam segundo a fase, os objectivos concretos, as formas de luta, as posições que tal ou tal partido, grupo ou sector toma em relação a tal ou tal problema.

Em cada etapa, em cada fase, por vezes em cada momento, uma ideia preside à política de alianças: definir a direcção do golpe principal e mobilizar e unir todas as forças que possam lançar-se nessa direcção.

Os aliados do proletariado para a revolução socialista não são os mesmos que para a revolução democrática e nacional. Nesta o proletariado desfere o golpe fundamental contra os monopólios (associados ao imperialismo) e os latifundiários e alia-se a uma parte da burguesia (a pequena burguesia e sectores da média) interessada na luta antimonopolista. A revolução socialista dirige-se contra a burguesia no seu conjunto e por isso alguns aliados do proletariado na primeira etapa (sectores da média burguesia urbana, camadas de camponeses médios, mesmo algumas camadas da pequena burguesia) deixem de o ser na revolução socialista.

Quem não compreende que a cada etapa da revolução corresponde um sistema de alianças diferentes do de outras etapas, nada compreende do marxismo-leninismo»

(de «O radicalismo pequeno-burguês de fachada socialista»)

* O membro do Partido tem o dever de:

- Trabalhar pela aplicação da linha política do Partido;
- Defender a unidade do Partido, condição da sua força e combatividade;
- Reforçar a sua ligação com as massas, defendendo abnegadamente as aspirações e reivindicações dos trabalhadores e do povo e sabendo procurar ouvir e compreender as suas opiniões e transmiti-las ao Partido;
- Comparecer regularmente às reuniões do seu organismo e tomar parte activa nos seus trabalhos;
- Recrutar para o Partido os operários e operárias de vanguarda, e os melhores filhos e filhas do povo;
- Elevar o seu nível político e ideológico através do estudo vivo do marxismo-leninismo e da linha política e da experiência do Partido;
- Ser cumpridor escrupuloso da disciplina do Partido;
- Exercer e estimular a prática da crítica e da autocritica;
- Defender com todo o zelo os segredos do Partido, estar vigilante na luta contra as provocações, o liberalismo e a inconsciência;
- Frente ao inimigo, em caso de prisão ou em qualquer outra circunstância, não fazer denúncias nem confirmações ou quaisquer declarações que prejudiquem o Partido e a causa antifascista;
- Ser sincero, honesto e leal para com o Partido e para com todos os camaradas, ter uma elevada conduta moral; ser modesto e não admitir que a verdade seja escondida ou deturpada;
- Informar a organização a que pertence, no caso de mudar de local de trabalho ou sair da localidade onde habita;
- Continuar a desenvolver a actividade partidária no caso de perder o contacto com o Partido e esforçar-se por restabelecer prontamente esse contacto.*

(Artigo 9º dos Estatutos do Partido Comunista Português — aprovado pelo VI Congresso)